

RAÚL MOTTA E O GRECOM/UFRN: amizade, cumplicidade e sonhos

Maria da Conceição de Almeida¹

Josinei de Silveira de Oliveira²

Paulo Sérgio Raposo da Silva³

Resumo

Este é testemunho de admiração experimentado na partilha de ideias com o intelectual Raúl Domingo Motta (1955-2020), um amigo para uma vida inteira e coparticipe em alegrias inesperadas, que, por causa da sua generosidade e perspicácia acerca de questões planetárias, tornou-se responsável pela instalação da Cátedra Itinerante Edgar Morin, patrocinada pela UNESCO, no Brasil, precisamente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), o primeiro grupo de estudos organizado em torno das ideias de Morin, teve o privilégio de acolher o assento reflexivo sobre a obra do maior dos artesãos do Pensamento Complexo. No Brasil, duas cidades foram escolhidas como referência para a instalação da cátedra: São Paulo e Natal. A UFRN, por meio do GRECOM, foi a primeira a instalar a cátedra, em virtude do pioneirismo do grupo de estudos e da afinidade mútua entre Edgar Morin, Raúl e Emilio-Ciurana. Escrever para lembrar dessas amizades e cumplicidades é uma maneira de registrar, multiplicar e anunciar aquilo que se tornou subcutâneo desde os primeiros encontros, fazer ciência com traços de afeto e admiração. Uma ciência sem fronteiras, feita por pessoas de carne e osso,

¹ Doutora em Ciências Sociais, professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM). E-mail: calmeida17@hotmail.com

² Doutora em Educação e vice-coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM). E-mail: josilveira02@gmail.com

³ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, vinculado ao GRECOM. E-mail: pauloraposo10@gmail.com

sujeitos viventes e intervenientes, cuja ação é providencial para o surgimento do novo, para abertura de outras vias e expansão do pensamento.

Palavras-chave: Raúl Motta; Complexidade; GRECOM; Cátedra UNESCO Edgar Morin.

Resumen

Este es un testimonio de la admiración experimentada al compartir ideas con el intelectual Raúl Domingo Motta (1955-2020), amigo de toda la vida y copartícipe de alegrías inesperadas, quien, por su generosidad y perspicacia en cuestiones planetarias, se convirtió en el responsable de la creación de la Cátedra Itinerante Edgar Morin, patrocinada por la UNESCO, en Brasil, precisamente en la Universidad Federal de Rio Grande do Norte (UFRN). El Grupo de Estudios de la Complejidad (GRECOM), primer grupo de estudios organizado en torno a las ideas de Morin tuvo el privilegio de acoger la sede de reflexión sobre la obra del mayor de los artesanos del Pensamiento Complejo. En Brasil, se eligieron dos ciudades como referencia para la instalación de la cátedra: São Paulo y Natal. La UFRN, a través del GRECOM, fue la primera en instalar la cátedra, debido al carácter pionero del grupo de estudios y a la afinidad mutua entre Edgar Morin, Raúl y Emilio Ciurana. Escribir para recordar estas amistades y complicidades es una forma de registrar, multiplicar y anunciar lo que se ha hecho subcutáneo desde aquellos primeros encuentros, haciendo ciencia con trazas de afecto y admiración. Una ciencia sin fronteras, formada por personas de carne y hueso, sujetos vivos e intervinientes, cuya acción es providencial para el surgimiento de lo nuevo, para abrir otras vías y expandir el pensamiento.

Palabras clave: Raúl Motta; Complejidad; GRECOM; Cátedra UNESCO Edgar Morin.

Abstract

This is a testimony of the admiration experienced when sharing ideas with the intellectual Raúl Domingo Motta (1955-2020), a lifelong friend and partner in unexpected joys, who, due to his generosity and insight into planetary issues, became responsible of the creation of the Edgar Morin Itinerant Chair, sponsored by UNESCO, in Brazil, precisely at the Federal University of Rio Grande do Norte

(UFRN). The Complexity Studies Group (GRECOM), the first study group organized around Morin's ideas, had the privilege of hosting the headquarters for reflection on the work of the greatest artisan of Complex Thinking. In Brazil, two cities were chosen as references for the installation of the chair: São Paulo and Natal. The UFRN, through GRECOM, was the first to install the chair, due to the pioneering nature of the study group and the mutual affinity between Edgar Morin, Raúl and Emilio Ciurana. Writing to remember these friendships and complicities is a way of recording, multiplying and announcing what has become subcutaneous since those first encounters, doing science with traces of affection and admiration. A science without borders, made up of flesh and blood people, alive and participating subjects, whose action is providential for the emergence of the unknown, to open other paths and to expand thought.

Key words: Raúl Motta; Complexity; GRECOM; Edgar Morin UNESCO Chair.

Primeiras palavras sobre um amigo e nossas afinidades

As únicas resistências estão nas forças de cooperação, comunicação, compreensão, amizade, comunidade e amor.

Edgar Morin

Raúl Domingo Motta nasceu em 13 de março de 1955, em Buenos Aires, na Argentina, quando o verão no hemisfério sul do planeta estava acabando; mas não poderia acabar sem gestar um homem feito de fervor, um intelectual cujo pensamento sempre esteve à temperatura da sua própria destruição para ser capaz de se recriar. Um amigo e cúmplice de ideias que, antes de serem processadas pela mente, germinaram e floresceram na alma. Como alguém que sempre se ateu às questões planetárias, professor titular do *Centro de Estudios Interdisciplinarios (CEI) de la Universidad Nacional de Rosario (UNR)*, em Santa Fe, e membro fundador do *Centro de Estudios Transdisciplinarios sobre el devenir de las humanidades en las sociedades complejas*, Raúl Motta tornou-se o primeiro diretor da Cátedra Itinerante UNESCO Edgar Morin (CIUEM) e um dos principais responsáveis pela difusão do Pensamento Complexo no sul global.

Sob a diretoria de Raúl Motta, a cátedra foi o ponto de partida para a consolidação da Complexidade enquanto maneira de conceber o mundo e a América Latina, cujos desafios e as particularidades históricas convocam as inteligências a estarem em constante movimento, a característica mais notável do Paradigma Complexo. Como diretor do Instituto Internacional para o Pensamento Complexo de Buenos Aires, Raúl demonstrou generosidade ao estender a outros países e grupos os estudos e reflexões do Instituto idealizado, criado e desenvolvido por ele.

No ano de 2000, Raúl esteve no Brasil a fim de estabelecer pontos itinerantes da cátedra que estava sob sua responsabilidade. Natal e São Paulo foram as capitais escolhidas para essa empreitada. Em virtude do pioneirismo nos estudos organizados da obra de Edgar Morin, protagonizado desde 1992 pelo Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), situado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) tornou-se o primeiro ponto da Cátedra da UNESCO Edgar Morin. Ao chegar em Natal e passar três dias entre nós, nosso amigo, com a perspicácia de quem enxerga as obviedades sem torná-las triviais, fez com que descobríssemos os pontos de conexão entre seu instituto e o GRECOM. Era sua generosidade se expandindo e atravessando fronteiras para criar, multiplicar e transmitir forças de conjunção.

Escrever isto pode parecer supervalorização de uma formalidade institucional, ou, talvez, um autoelogio por termos tido o reconhecimento da vanguarda dos trabalhos, das reflexões e pesquisas desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos da Complexidade e da UFRN. Uma cátedra, entretanto, não se presta a esse papel de vaidade intelectual. Seria, se omitíssemos que a iniciativa e a disposição para tornar coletivo e transnacional um projeto que poderia ter todo o protagonismo concentrado em um homem só não foi nosso. Foi de Raúl Motta, Edgar Morin e Ciurana. Mais: uma cátedra serve como referência em meio a multiplicidade de informações e práticas tantas vezes dispersas e incomunicáveis; serve como um ponto a partir do qual formações se desdobram em criações e recriações, um ponto a partir do qual se consolida uma maneira de pensar e agir no mundo, questionar e interpretar as coisas.

Uma cátedra não possui apenas papel simbólico. Toda cátedra tem a vocação para fazer circular conjuntos de ideias e corpos teóricos que, uma vez postos em circulação, podem ser aferidos, conferidos e ampliados. Uma vez ampliados, podem ser reconhecidos como pertinentes. Pertinentes e necessários, podem encontrar correspondência nas buscas por respostas feitas por aqueles que debruçam sobre questões fundamentais acerca da vida, do mundo, de quem somos, das nossas relações e disto que chamamos realidade, que sempre está um passo à frente dos nossos discursos. Criar uma cátedra é, portanto, criar um lugar para o qual confluem interesses e a partir do qual outros interesses podem se sofisticar ou se transformar. Uma cátedra é uma experiência de comunicação extensiva.

Sendo esta experiência é, também, uma experiência de contato, alargamento dos limites, de interações, de religação, de encontros, de estabelecimento de parcerias que podem chegar a lugares mais distantes, como nosso amigo Raúl chegou aqui, ao Brasil, e fez do nosso grupo um lugar para a livre circulação do pensamento que se preocupa em se comunicar respeitando a prevalência do real sobre o que podemos falar sobre ele. Raúl Motta o fez com e no GRECOM; fez na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, através do Núcleo de Estudos da Complexidade (COMPLEXUS), que se tornou o segundo ponto da CIEUM no país, coordenado por Edgard de Assis Carvalho.

Raúl não foi apenas uma referência intelectual que, ao lado de Edgar Morin e de Emilio-Roger Ciurana, soube pensar questões planetárias a partir de questões locais; não foi apenas um intelectual que insistiu em fazer ciência e pensar com as portas abertas para entrada de novos ares. Raúl foi com quem mais nós nos reconhecemos na Complexidade, como estado concreto de tudo que existe. A semelhança entre nossos idiomas, nunca foi maior do que a similaridade e afinidade entre as nossas ideias. Ele, formado em Letras e um homem que sabia usar com maestria, ensinou com um pouco mais de clareza a linguagem do espírito científico e as ideias de Edgar Morin, que estavam em nós.

Ele era um homem muito alto. Sempre que o encontrávamos estava de bom humor. Pela imagem que criamos, o argentino admirador de Otávio Paz, sabia fazer da vida uma ode à alegria. Mesmo em suas conferências eivadas de

críticas fortes ao mundo moderno, conseguia ver brechas e saídas para a humanidade. Longe do pessimismo, ele sabia sonhar com uma sociedade mais igualitária, menos fragmentada, perversa e arrogante. Certamente foi essa forma de ver o mundo que o aproximou de Edgar Morin que, falando outro idioma, também foi atraído e entendeu a alma aventureira de Raúl, e com sentido, afinal Ilya Prigogine (2009: p. 12) tinha razão: a ciência une os povos ao criar uma linguagem universal.

Para nós, sem esquecer de amigos outros — também viscerais — Edgar Morin teve em Raúl Motta e Emilio-Roger Ciurana dois parceiros de vida e de ideias. A morte dos dois parceiros -Raul e Emílio - certamente deixa um vazio em Edgar, agora com seus quase 103 anos. Além de outros livros compartilhados, *Educar na era planetária: O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana*, editado originalmente pela UNESCO em 2002, é uma declaração da afinidade dos propósitos comuns aos três amigos.

Intellectual ousado e intempestivo, criador da Revista da CIUEM, que tem como atual diretora sua esposa, María Elena Martin, cúmplice de vida e ideais. Raúl nos deixou em 19 de setembro de 2020, vítima da COVID-19, um mal — vejam a ironia das coisas — que trouxe à luz de maneira incandescente questões planetárias às quais nosso amigo, nosso tradutor da Complexidade, dedicou sua vida e pensamento. Dizer estas coisas neste texto implica em conferir palavras à memória, letras aos afetos, destaque à pele, lugar ao corpo, que é justamente por onde as ciências devem transpirar e não serem guardadas no cofre da inteligência.

A expectativa é que, ao ler este artigo, todos que praticam ciência a façam movimentando tudo que puderem. O objetivo é estimular a criação de redes de sociabilidades, comunidades, interrelações, amizades, afinidades e afetos livres de preconceitos e capazes de ousar atravessando fronteiras, oceanos e mundos sem se preocupar com as repressões alfandegárias, porque, tal como Edgar Morin confessou uma vez (2013: p. 55), nós confessamos: amigos nos incitam à ação. Foi a isso e ainda é a isso que Raúl Motta nos move na vida, nas orientações acadêmicas e nas rotinas universitárias. Ele, Raúl, foi um exímio timoneiro.

Por que escrever com o tom que decidimos escrever este trabalho? Porque gostaríamos de escrever cartas a Raúl e ter a sua correspondência, porque ele foi um irmão perdido, uma alma separada da nossa. Queríamos que ele lesse esta carta de reconhecimento, respeito e saudade. Por que escrevem cartas? Respondemos como André Comte-Sponville (1997) respondeu: as pessoas escrevem porque não podem falar-se, porque não conseguem conter as palavras nem a emoção, “porque não se pode nem falar nem calar” (Comte-Sponville, 1997: p. 35). Não podemos, não podemos, não podemos.

Nossa história, nossa irmandade, nossa cumplicidade

O vocabulário conta menos do que a sinceridade. O talento, menos do que o amor e a coragem.

André Comte-Sponville

Entre Natal e Buenos Aires há por volta 5 mil quilômetros de distância. A primeira, está ao norte enquanto a segunda ao sul do hemisfério. Naquela faz muito calor e nunca houve neve; nesta, em determinadas épocas do ano, faz frio. As duas, porém, estão situadas na parte do mundo que foi assolada pela colonização europeia. São cidades que ficam em países diferentes, que têm culturas consideravelmente distintas, histórias e particularidades, claro, específicas. A distância geográfica e as diferenças locais que separam essas duas cidades podem convencer os mais distraídos de que não há diálogo possível entre seus problemas; podem, inclusive, fazer com que as inteligências fragmentárias se sobressaiam e encontrem nos limites impostos pelas fronteiras um empecilho para que se irmanem na luta e busca por soluções ou respostas.

Esta jamais foi a percepção de Raúl Motta. Como um homem que encarnou a complexidade e a tornou um projeto de vida para outras vidas, ele entendia com clareza que, apesar das suas peculiaridades locais, existe “a solidariedade dos problemas, entre os quais a indissociabilidade do problema antro-bio-cosmológico” (Morin, 2013: p. 199) do qual emerge a concepção necessária em tempos de devastação do planeta — a de Terra-Pátria e de interligação entre todos que habitam o mesmo lugar no universo, “para somar a isso um enraizamento mais profundo a uma comunidade de origem terrestre e a uma consciência que

se tornou vital de nossa comunidade de destino planetário” (Morin, 2013: p. 100). Raúl entendia que somos co-cidadãos de uma mesma terra, embora separados por quilômetros. Foi com este espírito que chegou à nossa cidade.

Em 13 de julho de 2000, quando no hemisfério sul do mundo era inverno, Raúl Motta chega à Natal para a implantação do primeiro ponto brasileiro da CIEUM na UFRN, através do Grupo de Estudos da Complexidade. Durante a sua visita de três dias, Raúl se reuniu com o então Reitor da UFRN, Otom Anselmo de Oliveira, para oficializar a participação da Universidade na rede da cátedra. Na ocasião realizou uma conferência e concedeu entrevistas aos meios de comunicação, além de participar de encontros com os pesquisadores do GRECOM, a fim de estabelecer algumas diretrizes de trabalho conjunto. Estabelecendo essas diretrizes, ele pode dialogar conosco com a serenidade de um grande mestre.

Foto 1: Raúl Motta, em Natal/RN.



Fonte: Jornal O Diário de Natal, Caderno Cultura, 15 de julho de 2000.

Nossa admirável amiga portuguesa Teresa Vergani defende que “uma aula é uma lição de dança ao amanhecer. Entram estrelas e entram andorinhas” (Vergani, 1976: p. 290). Raúl sempre proferiu uma aula ou conferência com seriedade e sempre ofereceu forma e nome próprio a essa posição de Teresa. Ouvi-lo significava vislumbrar o universo, olhar de perto o que parecia longe, imergir naquilo que parecia estar fora de nós. Ele falava da complexidade e das suas perspectivas como quem sonha em voz alta. Ao sonhar em voz alta, fazia que sonhássemos com ele. Sonhando juntos, tornamo-nos irmãos, porque fazer ciência daquele jeito sempre foi o nosso propósito e obstinação. Ter alguém de carne e osso fazendo isso à nossa frente foi como transformar utopia em realidade inegável, insubstituível, inegociável.

Esta era a repetição e a prévia daquilo que já havia ocorrido em 1999, quando estivemos juntos no Congresso Interlatino do Pensamento Complexo, no Rio de Janeiro, ocorrido na Universidade Cândido Mendes; quando estivemos juntos no ano de 2000, no Simpósio Internacional Pensar as Complexidades do Sul, em Vilanova i la Geltrú, Espanha; quando estivemos juntos mais uma vez, em 2001, na homenagem aos 80 anos de Edgar Morin, que foi chamada de “Um Humanista Planetário”, em Paris; aconteceu mais uma vez, em 2006, quando houve a homenagem aos 85 anos do nosso amigo Morin, na Multiversidad Mundo Real Edgar Morin, situada no México, e aconteceu de novo, em 2011, quando participamos do Encontro Internacional para um Pensamento do Sul, promovido pelo SESC-Rio de Janeiro.

Não nos espanta que tenha sido assim, já que “o divino, o que chamam de divino, está em nós, ao alcance da alma ou do coração: ele não é o outro do homem, e sim sua verdade mais elevada” (Comte-Sponville, 1997: p. 112). Compartilhando a vida e os pensamentos com esse homem que nos fazia ver o divino sem precisar direcionar os olhos para o alto que construímos nossa amizade, nossa cumplicidade e nossa irmandade de espíritos. Ter um amigo assim cobre infinitos, ativa entusiasmos e vitaliza o pensamento. Ter tido esse amigo significou superar aquilo que nos enquadra, que nos diminui, que contraria nossos desejos, e isto é uma das coisas mais revolucionárias e impressionantes da vida, afinal,

se cada indivíduo fosse cheio de amizade, de generosidade e de benevolência para com seus semelhantes, não precisaria mais de leis, nem precisaria respeitar para com eles um dever de igualdade: o amor iria além do simples respeito dos direitos, como se vê nas famílias unidas, e faria as vezes de justiça (Comte-Sponville, 2016: p. 85-86).

As diferenças entre os idiomas e o vocabulário, eram bem menores do que sua sinceridade ativa; sua coragem tão grande quanto sua generosidade ao nos ouvir e acolher sugestões. A pedido de Edgar Morin, o Brasil, país de dimensões continentais e onde já existiam em torno de oito grupos da complexidade formalizados, o GRECOM foi definido como prioridade para instalação da cátedra itinerante. Escolher um país tão diverso, multifacetado e plural quanto o nosso, com todo tipo de questão ainda por se resolver e decodificar, foi uma demonstração em ato de que, sim, “complexidade não é a palavra-mestra que vai explicar tudo. É a palavra que vai nos despertar e nos levar a explorar tudo” (Morin, 2018: p. 231).

O projeto de cátedras criado pela UNESCO era e é uma espécie de reconhecimento a pensadores de expressão mundial nos campos da Ciência, Educação e da Filosofia. Tinha e ainda tem como objetivo alimentar investigações de alto nível e promover o intercâmbio entre pesquisadores e instituições, no campo de uma Educação para pensar a ciência e qualificar seus métodos. Durante o passar dos anos de 1990, Edgar Morin tornou-se cada vez mais lido e conhecido no mundo, principalmente em função da sua crítica e reflexão acerca dos saberes fragmentados. Diante do avanço das suas ideias e circularidade global, a UNESCO decidiu cancelar a iniciativa e concretizar o projeto em homenagem ao pensador francês.

Raúl Motta era uma das pessoas mais emblemáticas e simbólicas para tocar esse projeto à frente. Graduado em Letras e Filosofia e com estudos de Engenharia, era no mínimo curioso como que essa formação o levava a discutir epistemologia com tanta dedicação. A pressuposição mesma que poderia ser impossível para um engenheiro, um homem de formações de áreas distintas pensar filosofia das ciências já depõe contra nossa maneira de tratar os

conhecimentos e as formações. Raúl, nosso amigo e mestre, não se permitia encaixotar. Ainda jovem, quando ditadura militar na Argentina parecia matar todos os sonhos e ideais, ele passou a sonhar com uma nova ciência encantado pelas ideias de Morin. Os anos de chumbo da Argentina não foram suficientes para roubar seu desejo e sua atração pelo novo, sua inventividade.

Para todos os efeitos, Raúl foi exemplo disto que Teresa Vergani assevera com propriedade: “o homem é o fazedor do mundo por ser o inventor da sua relação com o universo que o integra. A pessoa criativa é aquela que assume plenamente a sua forma particular de se ‘perceber’ no mundo” (Vergani, 2009: p. 180). Podemos dizer isso com a segurança de quem conviveu, viveu e viu tudo acontecer à distância de um estender de mãos. Podemos dizer isso porque Raúl tinha a sabedoria da palavra, e quem tem essa sabedoria é “aquele que entende e responde à mensagem codificada do mundo” (Vergani, 2009: p. 287). Tinha tanto que pôde escrever isto com os seus e nossos amigos:

a complexidade é efetivamente a rede de eventos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem nosso mundo fenomênico. A complexidade apresenta-se, assim, sob o aspecto perturbador da perplexidade, da desordem, da ambiguidade, da incerteza, ou seja, de tudo aquilo que é se encontra do emaranhado, inextricável (Morin; Ciurana; Motta, 2003: p. 44).

Thiago Isaias Nóbrega Lucena, pesquisador do GRECOM, esteve em Buenos Aires, na sede da CIUEM, entre janeiro e março de 2010. Foi acompanhado mais de perto por Alexandro Ruiz Balza e esteve com o Raúl Motta em três ocasiões. Thiago Lucena pôde constatar de perto a vivacidade disto que foi escrito e era sobretudo vivido pela experiência e trabalho dos colegas argentinos e do nosso amigo Raúl. Não eram apenas palavras, não era apenas discurso, não era apenas frases de efeito; o que Thiago Lucena viu foi o Pensamento Complexo encarnado e em movimento.

Sempre envolvido com as atividades da cátedra, em cujo Conselho Diretor está o próprio Morin, Raúl Motta sempre foi incansável no projeto de divulgação do Pensamento Complexo. Para isso, criou e tornou-se responsável pela *Complejidad*, revista de divulgação desse pensamento e da cátedra. Era mais uma

das suas ações para fazer a Complexidade enquanto concepção de mundo percorrer o planeta. Raúl sabia que em seu começo a revista possuía um alcance restrito ao mundo hispano-americano, mas, comprometido com as questões planetárias que sempre o possuíram, tinha a intenção de fazer com que a revista chegasse em outros povos, inclusive ganhando tradução em português, como ele confessou ao Jornal O Diário de Natal, por ocasião da sua entrevista na nossa cidade. Poder descrever isso na nossa língua é uma maneira de concretizar um dos seus sonhos.

Sonhos são, aliás, o que Raúl Motta melhor nos ensinou a gestar. Hoje e desde sua concepção, o Grupo de Estudos da Complexidade é um lugar e uma experiência para acolher, incubar e gerar sonhos de todos aqueles que pensam e ousam pensar nos limiares para ultrapassá-los, assim como Edgar Morin, Raúl Morra e Ciurana sempre o fizeram atravessando fronteiras. No GRECOM, recebemos uma gama variada de pesquisadores com formações igualmente diversas e interesses de pesquisas tão diversificados quanto seus autores, porque “os temas pesquisados, invariavelmente, são parte da vida desses sujeitos” (Knobbe, 2003: p. 115) e porque é assim que, tal qual nos ensinou que era necessário Rupert Sheldrake (2014), aprendemos a fazer “ciência sem dogmas”. Gestamos, expandimos, consolidamos e expulsamos a fim de fazer com que todos e tudo que podemos alce voos e crie vida própria.

Devemos parte de qualquer sucesso que nos atribuam a Raúl Motta.

Desde 2000, depois da instalação da cátedra, o GRECOM permaneceu se reunindo periodicamente em torno dos destinos e diretrizes que deveriam ser adotados. A cátedra, que sempre pretendeu desenvolver investigações e promover intercâmbio entre pesquisadores e instituições rumo a uma Educação para a Ciência, assumiu definitivamente a sua vocação de ser itinerante e foi o ponto de partida para que inúmeros outros grupos e núcleos se formassem no Brasil para estudar e refletir sobre o Pensamento Complexo. Nosso grupo, que foi tão bem tratado por Raúl Motta para recepcionar a cátedra, foi se tornando “um casulo para a emergência de outros grupos afinados com o pensamento complexo, às vezes no interior da própria UFRN” (Almeida; Reis, 2018: p. 56), como por

exemplo o Marginália e o Mithos-logos, iniciativas de Alex Galeno Dantas, Josimey Costa e Orivaldo Pimentel.

O trabalho iniciado por nós continua a se desdobrar. Raúl, nosso amigo, partiu, mas o nosso grupo, que ele ajudou a encorpar no início dos anos 2000, gera frutos e atravessa fronteiras, assim como ele o fez. Além desses grupos da UFRN, citamos o Grupo de Estudos da Transdisciplinaridade e da Complexidade (GETC), sediado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte; o Grupo de Estudos da Complexidade e da Vida (GRECOMVida), sediado na Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba; o Grupo de Pesquisadores da Complexidade (GRUPECOM), sediado no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, em Ceará-mirim; o Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM), sediado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Mossoró, e o Laboratório de Estudo e Pesquisa em Educação e Conhecimento científico (LABECET), sediado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista.



Foto 2:
Cerimônia de
abertura da
Reunião da
CIEUM, com
Edgar Morin à
mesa

Fonte: Acervo do GRECOM (2010).

Seria muito difícil citar todos os grupos que existem em toda extensão territorial do país. Assumimos o risco de sermos injustos ao não citar um ou

outro, mas o que pode nos absolver é a consciência de que os estudos sobre a complexidade, o interesse pela transdisciplinaridade e por uma racionalidade aberta não é do nosso controle, e é possível encontrar fagulhas e chamas de esperança por outra ciência a cada novo contato inesperado que fazem conosco, a cada nova descoberta de um grupo de pesquisadores, a cada coletivo que nos informa que leram nossos textos, que acompanham nossas produções, nossos movimentos, nossa vida na e para as ciências. É muito melhor assim.

Não queremos ter o controle daquilo que jamais nos pertenceu ou pertencerá. A cada encontro ou reunião, a cada nova recepção de alunos e professores que chegam à Universidade Federal do Rio Grande do Norte para fazer suas pós-graduações, estudiosos de toda parte do país presenciam nossas atividades e ouvem as nossas memórias tornando realidade o que Raúl Motta idealizou no passado. Todos que são tomados pelo senso de responsabilidade pelo planeta e pela sorte da nossa sobrevivência saem do GRECOM com o desejo de multiplicar o que fazemos na UFRN e criam seus lugares de fala.

O Pensamento Complexo já não é tão francês quanto o foi ao ser arquitetado por Edgar Morin; não é mais tão latino-americano quanto o era, quando foi incorporado por Raúl Motta; não é brasileiro, não é nosso, não é dos outros; é, isto sim, planetário. Em cada lugar que chega e encontra correspondência nas inteligências atentas, ganha seu próprio idioma, sua própria linguagem, seu próprio meio de se disseminar e contaminar quem faz ciência à flor da pele; ciência sem a obrigatoriedade de usar o subterfúgio da terceira pessoa de qualquer gramática ou verbos impessoais, como se falar sobre o que estudamos com sinceridade não fosse um modo de tatuar a alma, ou seja, quem somos.

O GRECOM não teme fazer ciência na primeira pessoa e não se arrepende de ser todo tatuado e tatuar outros, pois sabe que as tatuagens são movidas por pulsões que dominam a razão e são marcas para sempre. Transitamos e permaneceremos a transitar, mesmo que isso implique em trocar de várias vezes de pele para novas tatuagens e abrir um pouco mais de espaço na alma para marcar o que for preciso. Não tememos e não queremos temer as fronteiras. Não temos e não queremos ter preguiça de ir a outros lugares e conhecer outras

pessoas para torná-las amigas. Nós queremos misturar idiomas, entrecruzar culturas, intercambiar experiências, viajar, mover-nos.

Assim aprendemos o que é Complexidade. Assim, ao te conhecer e conviver, vimos o que é Complexidade. Queremos corresponder ao que disse Teresa Vergani a nosso respeito, como “um Lugar de imaginar, unir, desenvolver. Sem mordanças nem amarras” (Vergani, 2003: p. 5). Raúl Motta foi um homem planetário, sem mordanças e amarras, feito para muitos e outros; foi um homem dedicado a causas que não eram só suas, um homem, um intelectual, um amigo feito para outras gerações, outros povos, outras nações, outras vidas. Lamentamos que ele mesmo tenha tido apenas uma, pois, se tivesse tido mais de uma vida, viveria para novas causas que irmanam e extrapolam as limitações do tempo e espaço.

Apesar da saudade e da ausência eloquente de Raúl Motta, nosso irmão de sangue diferente mas de ideias iguais, ficamos felizes de lembrar de tudo que lembramos neste texto, porque não precisamos fazer muita força para dizer o que dissemos; não precisamos criar subterfúgios, não precisamos sofrer para confessar o que já devíamos ter confessado, pois estava tudo sob a nossa pele. Escrever foi a maneira de fazer com que saísse pelos poros com a mesma naturalidade com que o suor sai e escorre pelo corpo. Escrever este texto, além de reavivar memórias e homenagear um homem que fez ciência com a vida, serviu como um exercício de admiração, tal qual nos ensinou Emil Cioran (2011).

Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição de; REIS, Mônica Karina Santos (2018). *Emergências de Complexidade, reinvenção da universidade*. Natal: EDUFRN.
- CIORAN, Emil (2011). *Exercícios de admiração: ensaios e perfis*. Rio de Janeiro, Rocco.
- COMTE-SPONVILLE, André (1997). *Bom dia, angústia!* São Paulo: Martins Fontes.

- COMTE-SPONVILLE, André (2016). *Pequeno tratado das grandes virtudes*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- KNOBBE, Margarida (2003). Surpresas no papel. In: ALMEIDA, Maria da Conceição; KNOBBE, Margarida. *Ciclos e metamorfoses: uma experiência de reforma universitária*. Porto Alegre. p. 111-119.
- MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo (2003). *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana*. São Paulo: Cortez.
- MORIN, Edgar (2013). *Meus demônios*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MORIN, Edgar (2018). *Ciência com consciência*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.
- PRIGOGINE, Ilya (2009). *Ciência, razão e paixão*. 2. ed. Org. Maria da Conceição de Almeida e Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Livraria da Física.
- SHELDRAKE, Rupert (2014). *Ciência sem dogmas: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista*. São Paulo: Cultrix.
- VERGANI, Teresa (1976). *Rigor e água*. Edição da autora.
- VERGANI, Teresa (2003). *A surpresa do mundo: ensaios sobre cognição, cultura e educação*. Org. Carlos Aldemir Farias da Silva e Iran Abreu Mendes. Natal: Flecha do Tempo, 2003.
- VERGANI, Teresa (2009). *A criatividade como destino: transdisciplinaridade, cultura e educação*. Org. Carlos Aldemir Farias; Iran Abreu Mendes e Maria da Conceição de Almeida. São Paulo: Livraria da Física.